

foi o caso da criação de quatro novas universidades (Minho, Aveiro, Nova de Lisboa e Évora). Ao verificar que não tinha apoio no Conselho de Ministros, onde ficou quase isolado sob a acusação de querer espalhar a subversão pelo país, apresentou a sua demissão no final de 1972. No entanto, o chefe do Governo não aceitou o pedido e deu luz verde ao anúncio da iniciativa.

As Linhas Gerais da Reforma do Ensino Superior deram origem ao decreto-lei da sua expansão e diversificação, de 11-08-1973, “a maior vitória dos seus anos de ministro da Educação”, na opinião de Diogo Freitas do Amaral, autor da nova lei orgânica do Ministério da Educação Nacional e membro da comissão instaladora da Universidade do Minho. Num texto de 24-03-1973, Francisco Sá Carneiro, ex-deputado da ala liberal, depois fundador e líder do PSD, e primeiro-ministro, escreve por sua vez, a propósito da ação do



## “ A Reforma Educativa de Veiga Simão sobreviveu, nas suas traves-mestras, ao 25 de Abril, e tornou-se uma referência na História da Educação em Portugal

ministro Veiga Simão: “O setor da Educação Nacional é aquele que se tem revelado mais dinâmico e inovador, aquele em que a continuidade parece impor em menor grau a sua garra imobilista e paralisante.” No entanto, ao contrário de VS, defende que “não pode descansar-se na educação como meio de libertação política”.

**DEMITIDO E REINTEGRADO**  
Enquanto ministro, VS foi estabelecendo uma forte relação política

e pessoal com o general António de Spínola. O emblemático livro do ex-governador da Guiné, *Portugal e o Futuro*, tem a sua marca no capítulo “Uma hipótese de estruturação política da nação”.

Consumado o derrube da ditadura, em 25 de Abril de 1974, Spínola, presidente da Junta da Salvação Nacional, quer nomear o ministro da Educação deposto para primeiro-ministro. Não havia, no entanto, condições para concretizar a proposta do general, recusada, de resto, por Veiga Simão. No entanto, confia-lhe a tarefa de elaborar o programa do I Governo Provisório. É também nele que confia quando se trata de defender em Nova Iorque um plano de descolonização por fases, o que viria, rapidamente, a revelar-se missão impossível. Nomeado embaixador nas Nações Unidas, VS permanecerá no cargo até meados de 1975.

Nessa altura, com o PREC (Processo Revolucionário em Curso) ao rubro, não é só na ONU que cessa funções. Em Portugal é demitido da função pública e, portanto, de prof. catedrático da Universidade de Coimbra. Sem trabalho e sem garantias de segurança em Portugal, aceita um convite para professor da Universidade de Yale, ficando nos EUA até 1978, apesar da resolução que revogou o despacho de demissão da função pública ser logo de janeiro de 1976.

No regresso, a sua carreira pública tem um novo fôlego: lidera a fundação do LNETI (Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial), adere ao Partido Socialista (PS) e é eleito deputado pelo distrito da Guarda em 1983 e em 1985, sendo entretanto ministro da Indústria e Energia do governo do Bloco Central, PS/PSD (1983-1985), chefiado por Mário Soares. No primeiro governo de António Guterres é ministro da Defesa Nacional, de 1997 a 1999.

A Reforma Educativa de que é protagonista sobreviveu, nas suas traves-mestras, ao 25 de Abril, e tornou-se uma referência na história da educação em Portugal.

Ausente por motivos de saúde, ele esteve sempre presente, através da palavra, nas recentes comemorações dos 40 anos da criação das novas universidades. E ninguém foi tão longe como Freitas do Amaral que, na sua intervenção proferida em na Universidade do Minho, em 17 de Fevereiro pp, considerou o prof. José Veiga Simão “o melhor ministro da Educação que Portugal teve em toda a sua História”.

**Nota** Com o apoio mecenático da Gradiva e o empenho pessoal do seu editor, Guilherme Valente, o autor deste artigo tem vindo a elaborar uma biografia intelectual, académica, política e cívica do prof. José Veiga Simão, baseada no seu testemunho e num vasto acervo documental. A Gradiva conta publicar no ano em curso o 1º volume dessa obra - repleta de episódios políticos surpreendentes e de retratos e atitudes humanas contrastantes - sobre a sua vida e ação. O autor e o editor esperam, assim, contribuir para que seja revelado, nas suas várias dimensões, o perfil singular e o carácter simultaneamente tolerante e indómito de um português que esteve no fulcro do nosso devir coletivo. PV

## Associativismo e Sindicalismo Docentes



“O livro que agora se apresenta tem o indiscutível mérito de patentear aos leitores e investigadores abordagens discursivas diversas

sobre as temáticas do associativismo e sindicalismo docentes, num arco cronológico amplo”. Palavras introdutórias de Rosa Serradas Duarte, co-organizadora de *Percurso do Associativismo e do Sindicalismo Docentes em Portugal. 1890-1990*, juntamente com Maria Manuel Calvet Ricardo e Maria de Lurdes Silva. Resultado de um projeto de investigação, financiado pela FCT, e concebido e liderado por Rogério Fernandes (até ao seu falecimento), importante historiador da Educação do séc. XX português, o volume partiu da ideia da relevância da investigação sobre o tema, bem como da necessidade de um maior conhecimento sobre o papel desempenhado pelos professores na educação e no ensino. Rogério Fernandes, Rosa Serradas Duarte, Maria Manuel Calvet Ricardo, Maria de Lurdes Silva, José Viegas Brás, Maria Neves Gonçalves, Anabela Freitas, Bento Cavadas, Teresa Macara e Robson Santos Camara Silva assinam os textos deste número 5 da Coleção Ciências da Educação, série Memória e Sociedade, que conta com posfácio de António Teodoro.

↳ Rosa Serradas Duarte, Maria Manuel Calvet Ricardo e Maria de Lurdes Silva (orgs.)

### PERCURSOS DO ASSOCIATIVISMO E DO SINDICALISMO DOCENTES EM PORTUGAL 1890-1990

Edições Universitárias Lusófonas, 175 pp, 15 euros

## Rita Taborda Duarte



“É a história de um “miúdo gaiato” que sonhava viajar e correr o mundo. Com uma enorme vontade de conhecer o que está para lá da aldeia

onde vive com os pais, constrói uma alta torre de granito, iluminada por estrelas, na esperança de que algum barco o venha buscar. É a história de um rapaz que não se tinha quietos. De um gaiato que palmilhava vezes sem conta o seu quintal, de dois mil metros quadrados, e que, sem nunca ter ido além da sua pequena terra, rodeada de montanhas por todos os lados,

redescobre o sentido da palavra “viajante”. Conseguirá vir a ser um verdadeiro viajante? Uma história de Rita Taborda Duarte, que conta já com uma dezena de livros publicados, alguns deles incluídos no Plano Nacional de Leitura.

↳ Rita Taborda Duarte (texto) e Ana Ventura (ilustrações)

### O RAPAZ QUE NÃO SE TINHA QUIETO

Caminho, 48 pp, 10,90 euros

## Álvaro Magalhães



Lucas Scarpone é um agente secreto do C.A.T (centro de atividades transcendentais), mas não é um agente qualquer, tem um dom raro:

“vê para além do véu que separa os vivos dos mortos”. Apaixonado por Pandora, uma jornalista, quer saber quem é e qual o seu destino, por isso decide encontrar-se com o tio. Um encontro que revela muitos segredos: existe uma pirâmide no fundo do lago, feita por extraterrestres. É a lenda da pedra esmeralda. Lucas descobre que tem três manchas no rabo em forma de estrela e por isso pode tornar-se guardião da pirâmide que protege a Gateria, tal como o seu pai. É preciso impedir que a Grande Ratazana volte e os ratos invadam este mundo. Não será uma tarefa fácil, porque Gorgonzola e os seus capangas, Totó e Pepino, irão fazer tudo para o impedir.

↳ Álvaro Magalhães e Carlos J. Campos (ilustrações)

### A LENDA DO REI GATINHO LUCAS SCARPONE

Edições Asa, 110 pp, 8,85 euros

## Alice Vieira



Dois irmãos e uma velha caixa mágica com poderes para realizar os sonhos de cada um. Mas cuidado com o que se pede... muito

cuidado, pois devemos pensar mesmo quando estamos numa aldeia perdida, no meio de um país perdido. E quanto ao amor? Uma Bela Moura foge com o seu amado, mas a memória do seu príncipe atraí-lo-o deixando em risco o verdadeiro amor. Conseguirão eles ser felizes para sempre? Duas histórias de Alice Vieira, uma das escritoras portuguesas mais prestigiadas entre os públicos infantil e juvenil, reconhecida a nível nacional e internacional. Histórias que falam de inveja, feitiços e reconciliações e que se juntam agora

à coleção Histórias Tradicionais Portuguesas, da Caminho.

↳ Alice Vieira (texto) e João Fazenda (ilustrações)

### A BELA MOURA - A VELHA CAIXA

Caminho, 40 pp, 9,90 euros

## Geronimo Stilton



Geronimo Stilton vai participar numa corrida. A missão é ir até à Baía dos Papatácios recolher malaguetas paleozoicas e voltar

para Pedrópolis, onde a queijaria da Gioconda Queijopodre espera pela mercadoria. Uma competição que se torna uma verdadeira aventura assim que se dá a partida, com percalços e desafios que têm de ser enfrentados e decisões que colocam à prova a ajuda entres os participantes. Conseguirá Geronimo chegar são e salvo à meta? E a vitória, de quem será? Este livro é o número 5 da nova coleção Os Pré-Historratos, editado pela Presença, e encontra-se integrado no Plano Nacional de Leitura. O autor Geronimo Stilton, homónimo de Elisabetta Dami, dirige o jornal mais famoso da ilha dos Ratos, Diário dos Roedores, e já foi galardoado com alguns prémios pelas suas obras.

↳ Geronimo Stilton (texto)

### TIVE UM FURO NO TROTOSSAURO!

Presença, 128 pp, 8,06 euros

## Luísa Lobão Moniz



Uma escola, uma professora e muitos alunos comemoram o dia do 25 de abril

de 1974. A data é explicada, neste livro, aos mais pequenos. Numa breve viagem pela História de Portugal, a autora dá a conhecer as escolas daquele tempo, a forma como se vivia em sociedade e o dia da Revolução, mostrando o simbolismo dos cravos, da música de Zeca Afonso e a importância da liberdade. Licenciada em Animação Sociocultural, com mestrado em Relações Interculturais e doutoramento em Ciências da Educação, Luísa Lobão Moniz é professora e colaboradora do JL/Educação.

↳ Luísa Lobão Moniz (texto) e Rita Moniz (ilustrações)

### A ESCOLA E OS CRAVOS

Teodolito, 42 pp, 10 euros